

O congresso da FIGO e a limitada expressão científica nacional

Recebi há dias o programa científico do XIX Congresso Mundial da FIGO que se realiza em Outubro deste ano na Cidade do Cabo. Este evento é reconhecido como o maior acontecimento científico na área da Ginecologia e Obstetrícia e, no programa deste ano, é notória a escassez de palestrantes portugueses. Podia ser um achado ocasional, mas na realidade não se desvia muito do que acontece na maioria dos grandes congressos internacionais.

Mas porque será que Portugal continua a ter uma expressão tão limitada no mundo científico internacional? Porque será que continuam a ser escassas as nossas publicações e as nossas palestras em eventos científicos internacionais?

Os motivos serão seguramente múltiplos e nem todos de identificação fácil ou de interpretação consensual. As dificuldades no domínio do inglês são por certo um dos elementos relevantes, sabendo-se da primazia desta língua no panorama científico internacional. Até há relativamente pouco tempo os contactos científicos no meio académico português estabeleciam-se predominantemente com países francófonos, com a Europa do Sul e com a América Latina. Muitos dos colegas mais antigos viveram ainda esta realidade, já que o domínio do inglês é um fenómeno que se foi acentuando das últimas décadas. As dificuldades neste domínio criam limitações na transmissão da

mensagem científica, mas também nos contactos sociais, na compreensão das realidades de outros países, na compreensão do estado da arte da evidência científica e na percepção da evolução das metodologias científicas. Sabe-se também que o domínio de uma língua não é uma competência estática, necessita de ser treinada regularmente para manter o nível atingido, sobretudo no que diz respeito à expressão verbal. Não serão muitos os colegas com a oportunidade de se deslocar ao estrangeiro com a frequência necessária para este propósito, pelo que a única alternativa é proporcionar esta prática em Portugal. Há uns anos atrás foi possível implementar no serviço hospitalar onde trabalho a realização de reuniões científicas em inglês, com o objectivo de proporcionar o treino da comunicação nesta língua. Infelizmente a compreensão deste propósito foi-se perdendo ao longo do tempo e a iniciativa encontra-se praticamente abandonada. Com demasiada facilidade trocamos a visão a longo prazo por propósitos mais imediatos e deixamos para segundo plano os objectivos colectivos. Em contraste com o que se passa em Portugal, na Escandinávia, desde há muitos anos que as reuniões e publicações científicas utilizam a língua inglesa e os resultados na produção científica estão à vista.

É claro que a produção científica não se estabelece apenas com o domínio do inglês. A aquisição de

conhecimentos sobre as metodologias científicas, a prática na condução da investigação e a experiência na comunicação dos resultados é um processo difícil e demorado, onde a colaboração de elementos mais experientes é uma mais valia importante. Assim, a formação de grupos de investigação com elementos de várias gerações, onde exista experiência prévia nos aspectos atrás referidos pode aumentar exponencialmente a produção científica. Infelizmente, estes requisitos não abundam em Portugal, nem são criados com facilidade, pois necessitam de tempo e de conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento.

Existem ainda outras características nacionais que podem contribuir para a menor produção científica. As dificuldades no cumprimento de prazos, na pontualidade, na promoção de formas construtivas de avaliação, no evitar de conflituosidades desnecessárias e na criação de um espírito de grupo motivador são, na minha experiência, encaradas como fortes desvantagens no meio científico internacional. Outras dificuldades por vezes observadas centram-se na capacidade de planeamento a médio/longo-prazo e na manutenção do focus nos principais objectivos da investigação.

Mas o diagnóstico da existência de uma limitada produção científica nacional e o estabelecimento das causas subjacentes é seguramente muito mais fácil do que alterar esta realidade. Quem já teve experiência em processos de mudança de hábitos e atitudes profissionais dirá que importa sobretudo criar condições para aumentar a motivação dos profissionais de saúde neste sentido. Várias iniciativas foram implementadas com sucesso nos internatos da especialidade, mas estas obviamente pouco afectaram os médicos especialistas, elementos essenciais quando se pretende um impacto científico internacional. As pressões actual-

mente existentes sobre os médicos hospitalares para aumentar a produtividade clínica e a atracção exercida pela medicina privada condicionam muito o tempo que os médicos dispõem para outras actividades e limitam uma produção científica sustentada necessária ao estabelecimento de um impacto internacional. Nos hospitais universitários esta realidade pode e deve ser diferente, sobretudo se forem respeitados os horários não-clínicos dos médicos com vínculo à carreira universitária. Serão estes os elementos que actualmente dispõem de melhores condições para criar investigação com um potencial internacional, pelo que a sua selecção e motivação neste sentido são aspectos cruciais.

As Universidades, ou mais concretamente as Faculdades de Medicina em colaboração ou não com os Institutos de Investigação, devem assumir-se como os principais motores deste propósito. Uma oportunidade que não deve ser descurada é a da participação em projectos de investigação internacionais, que fomentam os contactos com grupos com maior experiência, aumentando os conhecimentos da equipa e funcionando frequentemente com um elemento catalisador da investigação local. Por outro lado, a colaboração científica entre instituições nacionais, universitárias e não universitárias, deve ser encarada com uma oportunidade de troca de conhecimentos nesta área e de aumentar o poder das amostras estudadas, numa solução que pode ser benéfica para todos.

Seja qual for a solução encontrada, necessitamos de encarar o crescimento da expressão científica internacional como um objectivo importante, pois dele depende muito do prestígio da Ginecologia e Obstetrícia nacional. Actualmente, esse prestígio já não depende apenas do estabelecimento de boas práticas na assistência aos doentes.

Diogo Ayres de Campos
Editor Chefe da AOGP